

Viagens por um paraíso ilusório: notas sobre a expedição de Betty Meggers à região do Baixo Amazonas e sua rede de colaboradores (1948-1949)*

Mariana Moraes Oliveira Sombrio**

SOMBRIO, M.M.O. Viagens por um paraíso ilusório: notas sobre a expedição de Betty Meggers à região do Baixo Amazonas e sua rede de colaboradores (1948-1949). R. Museu Arq. Etn., 39: 206-226, 2022.

Resumo: Em 1948, Betty Jane Meggers (1921-2012) veio pela primeira vez ao Brasil com o propósito de realizar pesquisas arqueológicas na região do Baixo Amazonas, as quais realizou acompanhada por seu marido, Clifford Evans, também arqueólogo. Nascida no início do século XX, Betty Meggers faz parte do processo crescente naquele período, que significou uma maior inserção de mulheres em carreiras e instituições científicas. Os objetos que coletaram durante a realização desta pesquisa foram posteriormente divididos entre o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu do Território do Amapá, instituições nacionais com as quais contaram para realizar suas pesquisas no Brasil, e parte foi levada ao Instituto Smithsonian, nos Estados Unidos. Neste artigo, essa viagem é retratada a partir dos diários de campo de Betty Meggers, que permitiram identificar e mapear a diversa rede de colaboradores que a apoiou no Brasil, além de revelar aspectos subjetivos e pessoais envolvidos em seu trabalho. As descrições detalhadas redigidas por Meggers em seus cadernos de campo incluem notas diárias sobre os períodos que passou no Rio de Janeiro e em Belém, as incursões às Ilhas de Marajó, Caviana, Mexiana e ao território do Amapá. Incluem também os diversos nomes de brasileiros que aparecem na narrativa, revelando toda uma estrutura de trabalho coletivo em torno do casal de pesquisadores para que a produção daquele conhecimento fosse possível.

Palavras-chave: Betty Meggers; Rede de colaboradores; Mulheres cientistas; Diários de campo; História da arqueologia amazônica.

Introdução

Em 1948, Betty Meggers (1921-2012) veio pela primeira vez ao Brasil com o

propósito de realizar pesquisas arqueológicas na região do Baixo Amazonas. Era ainda uma jovem pesquisadora e essa viagem a ajudaria a consolidar sua tese de doutorado, defendida em 1952, na Universidade de Columbia, Estados Unidos, sob o título *The Archaeological Sequence on Marajo Island, with Special Reference to the Marajoara Culture*. Junto de seu marido, Clifford Evans, Meggers passou um ano realizando pesquisas de campo naquele território. Juntos, eles vivenciaram

* O conteúdo deste texto faz parte de pesquisa de pós-doutorado finalizada sobre a formação de coleções de arqueologia e etnologia sobre o Brasil na primeira metade do século XX, que contou com recursos da Fapesp (Proc. n. 16/22452-9).

** Professora adjunta do curso de Licenciatura em Ciências Humanas, Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC (UFABC). <mariana.sombrio@ufabc.edu.br>

um cotidiano completamente diferente do que estavam acostumados até então, sobre o qual Betty Meggers deixou registros detalhados em diários de campo que redigiu a lápis em quatro pequenos cadernos em formato brochura, e que hoje permanecem guardados nos arquivos do Instituto Smithsonian, em Washington, DC, local onde ela viria a trabalhar após o retorno dessa expedição.

É necessário muita disciplina e dedicação para escrever relatos detalhados todos os dias em um diário. É também uma prática própria e de grande importância para um trabalho de campo. Ler esses relatos é como viver um pouco daqueles momentos e é um pedaço dessa história que pretendo contar aqui.

Nascida no início do século XX, Betty Meggers caracteriza um processo crescente naquele período que consistiu em uma maior inserção de mulheres em carreiras e instituições científicas, apesar de ainda enfrentarem dificuldades decorrentes de preconceitos e papéis de gênero pré-determinados. Em seu relato, existem diversas passagens nas quais ela demonstra estar consciente de ter transgredido, de alguma forma, convenções tradicionais relativas às mulheres daquela época e daquele local.

Ao mesmo tempo, o Brasil assistia a mudanças na nacionalidade dos grupos estrangeiros que vinham ao país para realizar pesquisas científicas. Cada vez mais expedições provenientes dos Estados Unidos desembarcavam por aqui, em contraste à predominância europeia nos séculos anteriores, como ilustra a própria expedição de Betty Meggers e Clifford Evans.

A viagem de Betty Meggers ao Baixo Amazonas converteu-se em parte de um projeto científico que a levaria a consolidar uma bem-sucedida carreira profissional. Nas incursões que fizeram pelo interior do Brasil, Meggers e Evans se dedicaram majoritariamente a procurar e recolher fragmentos cerâmicos, mas também ossos, objetos líticos e peças cerâmicas, com o intuito de investigar e “reconstituir a pré-história da Foz do Rio Amazonas” (Evans 1967 *apud* Barreto 1992: 229). Os objetos que coletaram foram posteriormente divididos

entre o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu do Território do Amapá e parte foi levada ao Instituto Smithsonian, nos Estados Unidos, segundo informações registradas no diário de Meggers (1948-1949) sobre a distribuição dos artefatos coletados.

As descrições detalhadas que Meggers redigiu durante a viagem incluem notas diárias sobre os períodos que passou no Rio de Janeiro e em Belém, sobre as incursões às Ilhas de Marajó, Caviana, Mexiana e ao território do Amapá, e um curto período em que esteve em Belo Horizonte. Chamam a atenção os diversos nomes de brasileiros que aparecem na narrativa, revelando toda uma estrutura de trabalho coletivo em torno do casal de pesquisadores que permitiu que a produção daquele conhecimento fosse possível.

Meggers e Evans contaram com o apoio de guias, mateiros, homens e mulheres das comunidades locais, barqueiros e comerciantes, proprietários de terras e pesquisadores diversos de instituições brasileiras para consolidar a expedição, e a importância dessa rede de colaboradores transparece em seus cadernos de campo. Ao passar todo aquele período vivendo na região amazônica, convivendo com os habitantes locais e escrevendo sobre isso, Betty Meggers também deixou registrado um pequeno pedaço da vida daqueles grupos e, mais tarde, aquelas experiências influenciariam de alguma forma os livros que escreveu sobre a Amazônia.

Entre as dificuldades enfrentadas no decorrer da viagem, mencionou as extensas chuvas que alagavam o território, o inesperado frio da noite, os pés doendo de tanto caminhar e a dificuldade de obter comida durante a pesquisa de campo. Para enfrentar esses percalços, contaram fundamentalmente com o auxílio dos habitantes locais.

Na narrativa registrada em seus diários, Betty Meggers se mostrava simpática às diferenças culturais que encontrou pelo caminho, ao mesmo tempo que demonstrava um evidente viés norte-americano. Em alguns dias, seus relatos diários foram complementados por curtos comentários de Clifford Evans nas últimas linhas ou no pé das páginas dos

cadernos de Meggers. É possível identificá-los pela letra cursiva diferente e pelo característico tom de ironia.

Apesar de viajar acompanhada por Clifford Evans, Betty Meggers nunca poderia ser enquadrada no papel da “assistente esposa”, figura recorrente na história das ciências (Corrêa 2003). Diferente de outros casais de cientistas, Meggers não adotou o sobrenome do marido em suas publicações e garantiu assim reconhecimento nos círculos científicos através do nome próprio.¹ Era participante ativa nas escavações e se empenhava para que as decisões tomadas fossem as mais corretas possíveis, como demonstram seus diários de campo. Um relato escrito por Klaus Hilbert sobre a participação de seu pai, Peter Paul Hilbert, em parte dessa expedição também corrobora essa imagem: “[e]lle costumava dizer que Cliff era o homem da prática, do corpo e das mãos, e Betty era a cabeça. Os dois formavam uma dupla dinâmica e muito competente” (Hilbert 2009: 141).

A presença de Betty Meggers e Clifford Evans no Museu Paraense Emílio Goeldi em finais da década de 1940 foi retratada por Barreto (1992: 229) como o “fato de maior consequência para o ressurgimento da pesquisa arqueológica” na instituição, à época dirigida por Inocêncio Machado Coelho, que prestou “valioso apoio ao empreendimento do casal”. Por possuírem formação específica em arqueologia e conhecerem metodologia revolucionária para a época – escavação estratigráfica, classificação e seriação de fragmentos cerâmicos – “deram início à pesquisa arqueológica profissional na Amazônia” (Barreto 1992: 229).

O material cerâmico coletado nas ilhas que visitaram, ao qual a narrativa dos diários de Meggers se refere, foi posteriormente classificado em cinco fases culturais: Ananatuba, Mangueira,

Formiga, Marajoara e Aruã, sendo, com exceção da última, todas pré-colombianas.² Dentre essas, a cerâmica Marajoara distinguia-se das outras pela destacada qualidade, o que foi justificado por Meggers como consequência da penetração de povos oriundos de outras localidades na floresta Amazônica (Barreto 1992).

O trabalho teórico de Betty Meggers foi fortemente influenciado pelo pensamento do antropólogo estadunidense Julian Steward (1902-1972) que, junto de seus colaboradores do *Handbook of South American Indians* (Steward 1948; Lowie 1948), estabeleceu modelos baseados em premissas ecológicas para a arqueologia amazônica. Dentre eles, estava o conceito de “cultura da floresta tropical”, categoria tipológica que delimitou padrões na organização social, econômica e política dos povos que habitaram o território amazônico em períodos anteriores à colonização europeia. Segundo Steward (1948 *apud* Schaan 2014), no Brasil teriam existido apenas “tribos” e povos marginais (posteriormente chamados de bandos ou caçadores e coletores) – linha de pensamento que foi criticada por alguns antropólogos culturais brasileiros, pois, além de tipológico, o conceito era também evolutivo e não considerava diversos outros marcadores culturais que poderiam expandir o quadro de interpretações acerca dos modos de vida e organização social desses povos (Neves 1999-2000).

Orientados por essas definições, Meggers e Evans fundamentaram seu trabalho arqueológico na coleta de fragmentos cerâmicos, mas sem levar em consideração outros possíveis indícios, como caminhos, localização das aldeias, formato das cabanas, práticas funerárias, intervenções no meio-ambiente etc., caracterizando os grupos indígenas que mapearam na região do Baixo Amazonas como providos de diversidade cultural, mas estagnados em um permanente estado de natureza (Schaan 2014).

Essa linha de pensamento definiu o desenvolvimento cultural desses povos como um misto de processos adaptativos locais e

1 “[...] consideramos fundamentais, em termos de políticas e micropolíticas das ciências, os equacionamentos entre nome, status e prestígio, a partir de suas historicidades e articulações com as convenções sobre autoria e autoridade. Partilhamos o pressuposto de que a nomeação pessoal é uma “porta de entrada privilegiada para o estudo da forma como os grandes fatores de diferenciação social, política, científica se operacionalizam através da ação pessoal” (Pina-Cabral 2005).

2 Os nomes das cinco fases culturais correspondem aos nomes de alguns sítios escavados pelo casal.

influências externas, sendo a área do Circum-Caribe a principal matriz influenciadora, situando a Amazônia em contexto periférico na história pré-colonial da América do Sul, contrariando de certa forma o conhecimento sobre a arqueologia da região precedente à Segunda Guerra Mundial (Neves 1999-2000).

As teorias de Betty Meggers foram amplamente questionadas por visões mais recentes da arqueologia. A partir do levantamento de novos dados e de novas proposições arqueológicas, sua argumentação sobre uma possível origem exógena de grupos que viveram na Amazônia brasileira ou a visão de que a floresta amazônica seria um inferno verde responsável por impedir o desenvolvimento dos povos que a habitaram foi ultrapassada por perspectivas menos deterministas em relação ao meio-ambiente e à hierarquização de grupos humanos.

Quando dei início a essa pesquisa sobre Betty Meggers, a fiz com o interesse voltado à análise das relações de gênero na produção de conhecimento científico e, dentro desse debate, seu papel como uma pioneira nos estudos de arqueologia amazônica recebeu destaque. Encontrei seu nome, a princípio, investigando registros sobre mulheres que realizaram expedições científicas no Brasil na primeira metade do século XX e, a partir daí, conheci melhor o grande impacto de seu trabalho na arqueologia amazônica, bem como as controvérsias geradas por ele (Sombrio 2014). No âmbito dos estudos sobre gênero e ciências, para além de Betty Meggers, é importante dizer que esse campo de estudos contou com a participação de outras grandes pesquisadoras mulheres que se tornaram referências fundamentais sobre o tema, como Anna Roosevelt e Denise Schaan, além das inúmeras pesquisadoras que hoje atuam nessa área e constroem o campo (Cabral, Pereira & Bezerra 2018; Caromano *et al.* 2017).

Em um segundo momento, me dediquei a olhar para as coleções que ela reuniu e entregou a museus brasileiros, buscando compreender como esses objetos interagiram com as instituições para as quais foram encaminhados (Sombrio & Vasconcellos 2018). Para compreender melhor

a formação dessas coleções que, apesar de estarem acompanhadas de algumas referências documentais, necessitavam de explicações acerca de suas trajetórias, busquei reunir o máximo de informações possíveis sobre os percursos da expedição de Meggers e Evans (1948-1949). Através da leitura de seus diários de campo,³ foi possível acessar informações de caráter destacadamente pessoais e relativas ao desenvolvimento prático de sua pesquisa. Para além disso, através desses registros, pude conhecer um pouco de como se organizava a vida naquele território, sob o olhar detalhista de Betty Meggers.

É possível pensar outras materialidades a partir de registros antigos?

O patrimônio arqueológico da Amazônia abrange uma diversidade de materialidades possíveis no presente. Relaciona-se não somente com museus, instituições científicas e pesquisas acadêmicas, mas também com os diversos grupos humanos que coexistem em meio àqueles objetos e habitam o território amazônico. Os vestígios arqueológicos fazem parte do cotidiano de populações ribeirinhas, seja na relação com as terras pretas,⁴ seja pelos inúmeros fragmentos e vasilhas cerâmicas que afloram no entorno de suas casas e comunidades (Lima & Moraes 2013).

Na interface de temas relativos à história, arqueologia, etnografia e museologia, um dos objetivos deste estudo é enfatizar a agência e a diversidade de interlocutores que participam dos amplos processos de produção de conhecimento, bem como seus contextos de vida. Contextos estes sócio-políticos em que o trabalho arqueológico se situa, que inclui dinâmicas sociais localizadas e atores diversos (Castañeda 2008). Essas dinâmicas serão pensadas aqui a partir de um conjunto documental específico: os cadernos de campo de Betty Meggers (1948-1949).

3 Durante estágio de pesquisa de doutorado realizado no Instituto Smithsonian, Estados Unidos (PDSE-Capes, 2013).

4 Solo antropogênico muito fértil, de coloração escura.

Além disso, há interesse na investigação de coleções arqueológicas depositadas em museus em períodos longínquos e que podem carregar um potencial para reflexões engajadas nos debates mais recentes sobre etnoarqueologia e arqueologia pública (Silva 2009; Bezerra 2011). Retomar o estudo dessas coleções torna-se possível, ou mais fácil, se existirem registros acerca do processo de pesquisa que as originou, como é o caso das coleções reunidas por Meggers e Evans.

Há uma longa história de ocupação da região amazônica, assim como da cotidianidade dos habitantes locais com artefatos e sítios arqueológicos, e um conhecimento específico gerado por ela. Ignorar essas relações demarca uma atitude assimétrica entre os agentes oficiais de produção de conhecimento e as comunidades que habitam o território. Perspectivas atuais nos estudos de arqueologia têm incentivado a produção de visão mais respeitosa e inclusiva acerca dessas relações. E, para além do registro sobre os trabalhos de campo, têm se consolidado também pesquisas colaborativas e que abordam as relações entre as pessoas e o patrimônio arqueológico da Amazônia, considerando especialmente as diversas formas pelas quais diferentes grupos interagem, interpretam e dão significados a esses materiais (Cabral, Pereira & Bezerra 2018: 266).

Essa reflexividade acerca das próprias pesquisas é uma característica que se manteve apagada nas visões de caráter positivista da ciência. Nos estudos etnográficos e historiográficos, as ressalvas quanto às formas de posicionamento dos e das cientistas diante dos sujeitos e objetos de estudo começaram a aparecer já nos anos 1980. Na arqueologia, no entanto, só mais recentemente teve início o processo reflexivo que busca repensar significados, entender essas relações de forma mais ampla e valorizar as subjetividades presentes nos processos de pesquisa.

Porém, como pensar essas relações se olhamos para coleções guardadas em museus, provenientes de trabalhos desenvolvidos décadas atrás, em períodos em que esse componente reflexivo não estava presente? O principal caminho, e do qual parto aqui, é a pesquisa

acerca desses acervos e a tentativa de reunir referências documentais e bibliográficas, relatos e anotações sobre esses conjuntos materiais.

Elementos de uma coleção museológica serão capazes de contribuir para a escrita de uma história social se não estiverem isolados dos demais documentos aos quais se relacionam. Para isso, a pesquisa contextual é de importância fundamental, permitindo, com sorte, que materiais, peças e coleções sejam associados aos dados etnográficos do campo, à iconografia, às referências audiovisuais, entre outras possibilidades (Ribeiro & Van Velthem 1992).

A importância de descrever os processos de pesquisas arqueológicas em diários e anotações de campo está na potencialidade que esse registro etnográfico carrega para elucidar a multivocalidade de interpretações inerente às dimensões sociais da pesquisa. Os registros de campo garantem conhecimento acerca da subjetividade dos pesquisadores, das tecnologias de produzir, coletar, preservar, gravar e representar dados, das interações entre cientistas, tecnologias e materialidades (Castañeda 2008: 48-49).

Na perspectiva mais geral da história das ciências, para além do campo da arqueologia, a ideia de que a viagem em si também é parte fundamental do trabalho científico é bastante antiga. Já era defendida pelo famoso explorador Alexander von Humboldt (1769-1859), que argumentou que as impressões estéticas experimentadas pelo viajante fazem parte da própria atividade científica. Leitor de Bernardin de Saint-Pierre, ambos compartilhavam a opinião de que o gosto e a sensibilidade são parte integrante do ato de conhecimento (Kury 2001: 865).

Apesar de não ter adotado uma perspectiva colaborativa em suas pesquisas arqueológicas, metodologia que ganharia força somente a partir dos anos 1960 (Silva 2009), Betty Meggers produziu uma espécie de registro etnográfico em seus diários ao descrever as diversas interações e relações que permearam sua pesquisa de campo. Espero, assim, que a breve síntese dos diários de campo de Betty Meggers e reflexões iniciais traçadas aqui possam contribuir com esse processo reflexivo e mais inclusivo no que

se refere à constituição de práticas científicas e produção de conhecimentos no âmbito das práticas arqueológicas, contribuindo também com a história social das ciências no Brasil.

Notas sobre os diários de campo de Betty Meggers em sua expedição à região do Baixo Amazonas (1948-1949)⁵

Betty Meggers e Clifford Evans partiram de avião dos Estados Unidos no dia 30 de junho de 1948, e desembarcaram no Rio de Janeiro somente três dias depois, após uma longa viagem com diversas paradas. No Rio, foram recepcionados pela diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a antropóloga Heloisa Alberto Torres, e por Cecília Wagley,⁶ que havia reservado um quarto para eles no Hotel Paysandú (Meggers 1948-1949, v. 1).

Betty Meggers escreveu em seu diário que achava Heloisa Alberto Torres muito simpática e que torcia para que ela gostasse deles. Dona Heloisa, como era conhecida no meio científico, foi uma figura importante na articulação de pesquisas antropológicas no Brasil e a primeira mulher diretora de uma das principais instituições científicas da época (Corrêa 1997, 2003; Ribeiro 2000).

Dona Heloisa seems to be very nice. She speaks very good English. I hope that she will like us. She started off by loaning us 500 cruzeiros until we can get some dollars changed, which might be a good sign (Meggers 1948-1949, v. 1: 5).

Naquele tempo os arranjos necessários a uma viagem de pesquisa como essa eram

5 Os cadernos de campo de Betty Meggers foram consultados no National Museum of Natural History - Smithsonian, com auxílio da antropóloga Dra. Barbara Watanabe. Posteriormente, foram encaminhados ao National Anthropological Archives (NAA) - Smithsonian, para catalogação e arquivamento, onde se localizam atualmente.

6 Charles Wagley também era estadunidense e vinculado à Universidade de Columbia, como Meggers e Evans.

mais demorados e difíceis. Um contato no país de destino ou o apoio de uma instituição local eram definidores da viabilização e das condições da expedição. Logo nesse primeiro encontro, por exemplo, Dona Heloisa emprestou-lhes quinhentos cruzeiros para que pudessem sobreviver enquanto organizavam a troca das notas que haviam trazido e isso foi um auxílio fundamental.

Enquanto aguardavam a regularização de seus documentos no Rio de Janeiro, aproveitaram para explorar a cidade. Dona Heloisa fez a articulação para que a expedição do casal fosse realizada sob os auspícios do Museu Nacional, o que facilitou a obtenção da autorização do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE), necessária a todos os expedicionários estrangeiros na época.⁷

Heloisa Alberto Torres também lhes contou sobre a pesquisa de campo que havia realizado na Ilha do Marajó, em 1930, na parte norte da ilha, e isso os ajudou a mapear o local e organizar detalhes da expedição.

Had a very pleasant evening talking about Marajó. She was there in 1930 and dug [...] in the N. side of the island. Her experiences were fascinating, and we become more and more impressed with her. She was amazed at the air maps and the profusion of streams. "Que loco!" disse ela (Meggers 1948-1949, v. 1: 15).

Após este breve período no Rio, os dois partiram para Belém de avião, no dia 17 de julho de 1948. No aeroporto de Belém do Pará, foram recepcionados por um funcionário do Consulado Americano chamado Coleman e por Inocência Machado Coelho, diretor do Museu Emílio Goeldi, que lhes deu autorização para que consultassem e fotografassem as coleções arqueológicas da instituição. Cecília Wagley novamente os ajudou a se estabelecerem reservando para eles um quarto no Hotel Central, para onde seguiram. Passaram as

7 Órgão federal responsável por fiscalizar e licenciar expedições científicas estrangeiras no país entre os anos de 1933 e 1968 (Grupioni 1998; Sombrio 2007).

primeiras semanas na cidade resolvendo questões burocráticas e estabelecendo contatos com vistas à realização da pesquisa de campo.

Uma das primeiras pessoas que conheceram foi Frederico Barata, jornalista amazonense e colaborador do Museu Goeldi (Barreto 1992: 226), que lhes deu a primeira referência de um proprietário de terras na Ilha de Marajó com quem poderiam entrar em contato. Foi dessa forma que, no decorrer da viagem, conseguiram acessar sítios para escavação localizados em propriedades privadas, a partir de contatos, indicações e ajuda de pessoas da região.

Outra pessoa que os ajudou foi José Miranda de Pombo que, à época, trabalhava na Comissão Demarcadora de Limites. Ele deu a Meggers e Evans um mapa da Ilha de Mexiana e indicou áreas nas quais sabia que haveria material para escavação. Indicou-lhes também o nome de Edgar de Guamá, proprietário de terras em Mexiana, para que o contatassem e organizassem a expedição naquele local.

Nesse interim, conheceram o funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), Eurico Fernandes, com quem se relacionaram por todo o tempo em que estiveram em Belém. Fernandes foi quem intermediou os contatos que fizeram para pesquisar também no Território Federal do Amapá, posteriormente Estado do Amapá, e mostrou-lhes a coleção de peças etnográficas reunida pelos funcionários do SPI, descrita por Meggers como muito diversa e interessante.

Eurico Fernandes possuía ascendência indígena e trabalhara entre indígenas do Amapá por 18 anos. Betty Meggers o descreveu como uma pessoa entusiasmada e energética, que também lhes ofereceu um quarto no próprio SPI se precisassem do lugar para realizar algum trabalho de campo. Fernandes foi um homem influente no SPI à época e doou as peças que recolheu, entre 1940 e 1950, ao Museu do Índio, no Rio de Janeiro (Instituto Socioambiental 2011; Tassinari 2003: 103).

Para articular alguns detalhes da expedição, foram conhecer o prefeito de Belém à época, Rodolfo Chermont, que lhes deu autorização para que trabalhassem em suas terras, na Ilha de Marajó. Também receberam

autorização de Claudio Diaz, funcionário do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), para trabalhar nas fazendas que possuía nas Ilhas de Caviana e Marajó.

A autorização do CFE foi enviada ao casal por Heloísa Alberto Torres e chegou em Belém no dia 27 de julho de 1940, o que significava que eles poderiam finalmente dar início à expedição.

Sairam para comprar equipamentos necessários à viagem e, entre eles, Betty Meggers listou pás, cordas, lanternas de querosene, mosquiteiros e maletas. Compraram também redes, as quais Evans testou bastante antes da expedição, tentando encontrar uma posição confortável para dormir. Nos passeios por Belém, surpreenderam-se com as paisagens e condições de vida completamente diferentes das que estavam acostumados. Conheceram os bairros pobres, visitaram as igrejas e o cemitério de Santa Isabel. Passaram a frequentar a casa de Coleman, que costumava promover muitos encontros, mas não havia muito o que fazer nos finais de semana e a espera para dar início à expedição começou a deixá-los impacientes. Precisavam decidir logo por onde começariam a pesquisa de campo.

No Museu Goeldi, instituição que foi a sede de estudos do casal em Belém e com a qual mantiveram extensa colaboração mesmo após o fim da expedição, conheceram Nunes Pereira, que foi descrito por Meggers como um estudioso de peixes para o Ministério da Agricultura. Manuel Nunes Pereira integrava também o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, fundado em 1947, do qual faziam parte, além dele, Armando Bordalo da Silva, Machado Coelho e Frederico Barata, e que se consolidou como uma importante iniciativa para o desenvolvimento dos estudos de arqueologia amazônica na época (Barreto 1992: 229).

Nunes Pereira, Machado Coelho e um médico associado ao Museu Goeldi conversaram com Meggers e Evans sobre as dificuldades que poderiam encontrar durante a expedição, como as cheias dos rios, a extensa carga que teriam que carregar em suas incursões e o risco de ter febre e doenças, avisando-lhes sobre o que provavelmente enfrentariam, mas o

casal se mostrou firme e disse que mesmo assim não desistiriam da expedição.

Com a ajuda do prefeito de Chaves, Dionísio de Carvalho, arrumaram um guia para acompanhá-los em Marajó, chamado Guamá, e assim definiram por onde iniciar a expedição. Dionísio apresentou-lhes também ao capitão do barco Tenente Portela, que foi o meio de transporte até a ilha. A viagem à Marajó durou cinco dias, pois pararam inúmeras vezes para carregar o barco com madeira. Meggers descreveu as redes que se distribuíam pelo barco, características das embarcações da região amazônica, e relatou que gostaram da comida preparada pelos tripulantes, tendo provado o açaí e o guaraná. Se impressionaram com o que chamaram de “navegação prática”, sem uso de equipamentos ou mapas, e enfrentaram ventos e ondas fortes, mas estavam felizes por finalmente saírem a campo.

Sobre o transporte nas expedições daquele período há um relato interessante de Peter Paul Hilbert e Eva Hilbert.⁸ Eles diziam que esses deslocamentos eram bastante difíceis e que comumente se esperava muitos dias para arrumar um meio de transporte. Frequentemente era necessário pedir “carona” aos comerciantes que transportavam mercadorias entre lagos e igarapés, o que corrobora a descrição de Meggers sobre o barco que os transportou à Marajó e comercializava também madeira (Hilbert 2009: 146).

Em Marajó, contaram com a ajuda de diversos habitantes locais e surpreendiam-se com hábitos simples como a grande importância da farinha de mandioca na alimentação ou o transporte de cargas no lombo de vacas, que nunca haviam visto. Organizaram os nomes dos locais de escavação com letras e números. Indicavam uma letra diferente para cada ilha e os números de 1 em diante seguiam a ordem dos sítios visitados em cada um desses locais. Por exemplo, na Ilha do Marajó, usaram

a letra ‘J’ e os sítios que escavaram foram chamados então de J-1, J-2, J-3 etc.

Na casa de Dionísio de Carvalho, conheceram os empregados Magdalena e Waldemar. Através deles ficaram sabendo que, durante a construção do aeroporto de Chaves, 18 jarros foram encontrados debaixo da terra e decidiram ir até lá. Escavaram os primeiros sítios ao longo da praia e na região do aeroporto, respectivamente J-1, J-2 e J-3, como os nomearam.

No dia seguinte, foram pesquisar em um conjunto de tesos⁹ e Meggers descreveu o solo como um barro preto e difícil de cavar, que deixava os fragmentos moles e tornava difícil separá-los da lama. Conseguiram retirá-los com a ajuda do guia que os acompanhava, chamado Pedro, responsável por retirar a maioria dos fragmentos e se empolgou com a escavação, como retratado no trecho do diário abaixo. O vice-prefeito de Chaves, Raimundo Nonato de Oliveira Brito, Magdalena e mais um homem da fazenda, Antônio, também estavam lá.

26 de Agosto (quinta) Chaves

Up at 5:30 + off at 6:15 for J-4, a group of mounds on the edge of the savanna [...] Two long + four small mounds, apparently built up + then occupied long enough to accumulate about 25 cm of trash. Most sherds about 10cm down. Tested in 3 spots before found one with rich results. Got about 75 fgs in area 2X1 + 1/2M – very poorly preserved [...] Digging in dark clay very hard, sherds soft and difficult to separate from surrounding clay. Machete best digging tool.

Safari composed of the vice prefeito, Sr. Raimundo, Magdalena, Antonio and the guide, Pedro [...] Discouraging digging at first, but when we found the 4th spot, Pedro took an interest, took over and set about with enthusiasm to find an “igaçaba com ouro dentro”. He found most of the sherds, including most of the rim of a small pot (Meggers 1948-1949, v. 1: 69-70).

Ao longo do diário, Betty Meggers utiliza cada vez mais palavras em português,

⁸ Peter Paul Hilbert foi arqueólogo do Museu Goeldi e colaborador de Meggers e Evans, tendo acompanhado o casal na parte final da expedição. Eva Hilbert era sua esposa e viajou a campo com ele em algumas ocasiões (Hilbert 2009; Barreto 1992).

⁹ Aterros artificiais característicos da cultura marajoara.

demonstrando a familiaridade que foi adquirindo com algumas expressões. Usava sempre o símbolo “+” no lugar da conjunção “and”, como reproduzido no trecho acima. Nesse ponto do diário, ela deixou registrado em nota que ninguém do grupo acreditava que ela participaria da escavação, pois consideravam o trabalho muito duro para mulheres: “*They didn’t expect me to go, too rough for women I guess. ‘A senhora não vai’ Uow!!*” (Meggers 1948-1949, v. 1: 70). Mas para ela não havia dúvida. Participou não somente dessa, mas de todas as outras escavações durante a expedição e fazia questão disso.

Em um dos comentários deixados por Evans no diário de Meggers, ele disse considerar a floresta pobre em vida selvagem e alimentos, pois durante esse momento inicial da viagem vira apenas alguns pássaros, dois macacos, cobras e um monte de borboletas. Escreveu ainda que a flora era abundante, mas poucas coisas eram comestíveis, ananás eram abundantes, mas não havia cocos, nem bananas e mamões. Betty Meggers escreveu também sobre a escassez de flores na floresta e especulou que essa poderia ser, talvez, a razão da falta de desenhos florais na cerâmica indígena da Amazônia.

Essas observações de campo, influenciadas pelos pressupostos teóricos a que se filiavam, guiariam o trabalho de Betty Meggers por toda a sua carreira e a levariam a argumentar que as pessoas que viveram na Amazônia adotaram a dispersão e a transitoriedade porque essa seria a “tendência adaptativa primária” que lhes garantiria a sobrevivência, construindo assim a imagem de um paraíso ilusório baseada na ideia da escassez alimentar (Meggers 1987: 220). Ao chegar a essas conclusões o casal desconsiderou, por exemplo, o fato de grande parte das plantas utilizadas pelos indígenas serem desconhecidas dos pesquisadores ou a importância destacada da pesca na região. Alguns estudos mais recentes têm apontado o manejo de árvores frutíferas na floresta, o aproveitamento das várzeas dos rios para plantio e a produção de fermentados, entre outras tradições alimentares, como

responsáveis pelo sustento de populações muito maiores do que as imaginadas nas hipóteses de Meggers e Evans (Neves 2016; Barreto, Lima & Betancourt 2016a).

Na Ilha de Marajó, o casal passou um período abrigado na Fazenda Santa Catarina, que pertencia à família de Rodolfo Chermont. De lá, partiram para outros pontos a procura de fragmentos cerâmicos. Estiveram em Sipó, Formiga e Tapera, onde as coletas foram promissoras, e em Carmo, onde não tiveram muita sorte com as escavações. No sítio de Ananatuba encontraram um pequeno pote inteiro, que foi celebrado como o primeiro da expedição.

Seguiram viagem à Ilha de Mexiana, mas antes enviaram ao Museu Goeldi oito sacos contendo fragmentos cerâmicos recolhidos na primeira ilha visitada. Em Mexiana, contaram com a ajuda do Sr. Guamá, que conheceram em Belém e que lhes ofereceu hospedagem. Da casa dele saíram a campo e passavam dias dormindo em locais mais próximos aos sítios de escavação. Em um sítio localizado no braço do Igarapé Papa Cachorro realizaram uma coleta promissora, tendo encontrado fragmentos com adornos antropomórficos marajoaras, incluindo uma grande borda de urna funerária.

Em Acauan, uma família os recebeu no primeiro dia e as noites seguintes passaram acampados na mata, mais próximos à escavação. O guia que os acompanhava naquela região era Ramiro e ele os ajudou a montar a barraca. Na sequência, foram para Fundo das Panelas e logo na chegada avistaram raízes de árvores que haviam crescido passando entre fragmentos cerâmicos. Encontraram dois jarros muito bem preservados, além de ossos humanos e vários outros objetos. Quando retornaram para a barraca, à noite, duas mulheres de uma casa próxima ao seu acampamento levaram água e 30 ovos de camaleão já cozidos para que eles jantassem. Aquilo os deixou muito contentes e agradecidos. A **Fig. 1** é um registro de um de seus acampamentos, enviado para os Estados Unidos como mensagem de “Boas festas” pelo casal:



Fig. 1. Betty Meggers e Clifford Evans em acampamento na Ilha de Mexiana.

Fonte: NAA – Smithsonian.

Em Mulatinho, alguns potes puderam ser avistados acima do solo, o que levou Meggers a especular que o local poderia ser um cemitério antigo. Armaram o acampamento nas proximidades do sítio e, no dia seguinte, durante as escavações, Evans conseguiu caçar um javali que se transformou no almoço do casal. Estiveram também na Ilha de Ananás, acompanhados por Ramiro, onde encontraram fragmentos submersos em um Igarapé e, antes de seguirem para a Ilha de Caviana, deram início à lavagem e classificação dos fragmentos reunidos em Mexiana.

Viajaram a Caviana enfrentando a agitação das águas do rio. Chegando lá, foram recepcionados pelo administrador da fazenda de Dionísio de Carvalho, um homem chamado Tibúrcio da Silva Melo que logo se mostrou disposto a ajudá-los. A terceira ilha visitada era bem diferente das anteriores. Lá só andaram a cavalo, não em vacas como haviam feito em Mexiana, e lhes pareceu mais bem organizada. Almoçaram com a família de Tibúrcio e logo

seguiram para o Teso das Igaçabas, local famoso entre os moradores locais que costumavam levar vasos inteiros para suas casas, deixando fragmentos e ossos. Tibúrcio lhes forneceu uma lista de peixes, animais e plantas comestíveis da ilha e acharam que também nesse aspecto a Ilha de Caviana se mostrava mais rica, com maior variedade de alimentos em relação à Mexiana e grandes plantações de ananás.

No sítio de Abacatera, encontraram pequenos fragmentos que guardavam semelhanças com outros encontrados em um dos sítios de Mexiana, o que os fez pensar que aquele local poderia ser um acampamento de inverno. Em outro sítio de Caviana, encontraram grandes vasos e poucos fragmentos, o que os fez inferir que aquele seria um espaço de ocupação permanente. Dessa forma, iam definindo seus conceitos sobre a dinâmica de ocupação do território.

Na Fazenda Carmo conheceram Benjamin Pinto e Souza, quem chamavam de Jajá.

Não tiveram muito sucesso com as escavações, mas gostaram tanto de Jajá que o convidaram para trabalhar com eles em Belém, e ele aceitou. Nesses dias, Betty Meggers escreveu muito sobre a vida dos vaqueiros e caboclos da região¹⁰ e, em um almoço com Jajá, comeram quatro pequenas tartarugas com farinha enquanto conversavam. Descobriu então que ele nunca havia frequentado a escola e escreveu em seu diário que os fazendeiros não tinham interesse em educar seus empregados, pois achavam que assim que recebessem uma educação mínima deixariam de trabalhar na ilha. Impressões como essas também estão presentes em diversos momentos de seu relato.

Em seguida retornaram a Chaves, cidade onde iniciaram o campo e, a essa altura, Meggers e Evans já conheciam bem as três ilhas – Caviana, Mexiana e Marajó –, estavam mais adaptados à região e entendiam melhor como organizar o trabalho. Começam a aparecer, nesse ponto da narrativa, relatos sobre problemas de saúde e falta de resistência física, além da escassez de comida no campo e, por isso, descansaram por um dia na casa onde estavam hospedados, que pertencia a Neco, irmão de Tibúrcio. Nesse dia de descanso, Betty Meggers se dedicou a observar as mulheres da casa, Walkiria e Rosinha, cozinham enquanto conversavam sobre muitos assuntos, como o porquê de não se caçarem os botos ou como se preparava o doce de coco. Meggers relatou que muitas vezes as mulheres não faziam as refeições junto com eles e ela acabava sendo a única na mesa, demonstrando certo incômodo com isso. Comparou também a técnica da produção cerâmica dos fragmentos que escavava com a dos vasos que as mulheres ainda produziam no momento de sua viagem.

Terminado esse primeiro período da pesquisa de campo, em dezembro de 1948, retornaram a Belém em uma viagem de barco que durou três dias e foram para o Grande Hotel. Estavam muito mais magros, o que foi percebido nos reencontros na cidade. Passaram esse primeiro período no campo sonhando com o conforto das cidades, mas assim que

retornaram aquilo não lhes parecia mais importante (Meggers 1948-1949, v. 2).

Encontraram Machado Coelho no Museu Goeldi, que escutou as histórias sobre a viagem e lhes falou sobre o Boletim do Museu, que ele tentava retomar após anos de dormência. Aceitou a proposta do casal de escrever um artigo para o Boletim e lhes ofereceu um lugar para se estabelecerem dentro do museu. Saíram então do hotel e passaram a residir na antiga casa de Diretores do Museu Goeldi, onde analisaram o imenso volume de fragmentos cerâmicos coletados em campo.

O Boletim do museu, periódico originado em 1894 para divulgar as pesquisas realizadas pela instituição, enfrentou dificuldades no início do século XX devido à escassez de recursos que se abateu sobre o museu e deixou de ser publicado em 1915. Ressurgiu brevemente em 1933, mas entre 1934 e 1948 quase nenhum trabalho foi publicado (Barreto 1992: 224). Machado Coelho foi quem retomou esse projeto, nesse mesmo momento da permanência de Betty Meggers e Clifford Evans no museu, episódio relatado no diálogo que Meggers registrou em seu diário.

Quando já estavam instalados na casa do Museu Goeldi, Benjamim Souza chegou para auxiliá-los no trabalho, trazendo consigo um quati que Meggers e Evans haviam adotado em Chaves e sacos de fragmentos cerâmicos de Caviana que havia se comprometido a levar para o casal. O primeiro trabalho de Jajá em Belém foi dar início à numeração desses fragmentos, passo importante no trabalho com o material.

Passaram a virada do ano em Belém e seguiram para o Território Federal do Amapá. Lá conheceram um homem, a quem Meggers se referiu como Capitão Janay, que os apresentou a Macapá e lhes forneceu um mapa da região. Estiveram em um museu cujo nome não foi mencionado no diário e conheceram o diretor desta instituição, Newton Cardozo, que os acompanhou nas viagens pelo Amapá, iniciadas na localidade de Rio Piçacá.¹¹

¹⁰ Termos usados por Meggers em seu diário.

¹¹ Os nomes dos locais de escavação foram mantidos aqui da forma como Meggers os escreveu em seus diários.

Procuraram por fragmentos cerâmicos nas proximidades da casa de dois homens, Bruno e Lauro. A investida mais promissora foi na segunda localidade, a casa de Lauro, cujo jardim se transformou no novo sítio de escavação do casal. Sendo um antigo local de habitação, os fragmentos

cerâmicos estavam por todos os lados e, a aproximadamente dois quilômetros acima da casa havia ainda outro sítio no qual encontraram um conjunto de quatro vasos (dois altos e dois redondos), um vaso tubular antropomórfico e um banco zoomorfo quebrado (Fig. 2).



Fig. 2. Banco zoomorfo, cemitério Piçacá. Museu Paraense Emilio Goeldi.

Fonte: arquivo pessoal.

Na cidade de Porto Grande, escavaram na rua principal enquanto eram observados por cerca de 50 pessoas, a maioria crianças, e artefatos de pedra podiam ser encontrados por todos os lados. Na Povoação Tucumã, se hospedaram na fazenda de Noé Xavier de Andrade, mas ele não conhecia nenhum sítio por ali e recomendou que fossem até Arara, onde Meggers e Evans encontraram muitos fragmentos em boas condições em meio a uma enorme quantidade de formigas.

Deixaram Tucumã após serem muito bem tratados pelo Sr. Andrade e seguiram rumo à montanha de Aristé. Nesse caminho, encontraram pela primeira vez algumas igaçabas inteiras. Havia escutado histórias sobre peças como aquelas e visto exemplares nos museus, mas ainda não haviam se deparado com nenhuma, o que tornou esse momento importante para eles. Passaram muitas horas escavando, medindo, fotografando. Decidiram levar os achados consigo, porém desistiram com medo de que se quebrassem no caminho. O guia que os acompanhava lhes arrumou, então, bolsas feitas de folhas de palmeiras para carregarem os potes. Escolheram quatro dos menores para levar, deixando os outros

agrupados perto da parede da caverna onde foram encontrados. Newton Cardozo, que estava presente, levou outros três exemplares para o museu do Amapá.

De volta a Macapá se encontraram com o Capitão Janay e enfrentaram uma situação conflituosa. Ele lhes disse que Newton Cardozo reclamara da postura do casal, os acusando de estarem levando todos os bons exemplares com eles, apesar de não lhes ter dito isso pessoalmente. Janay pediu então que eles fizessem a divisão dos achados atentando em deixar bons exemplares para o museu do Amapá.

Retornando a Belém, Meggers deu início à classificação dos fragmentos e começou a reconstruir um pote encontrado em Mulatinho. Sobre os fragmentos de Marajó, anotou que a cerâmica decorada existia em porcentagem muito menor. Enquanto fazia esse trabalho, começava também o carnaval e a música do ano era Chiquita Bacana, que tocava o tempo todo. Meggers escreveu muitas vezes sobre a música em seu diário, inclusive sobre a falta que sentiu de escutá-la após o fim do período de festa. Aos poucos foram descrevendo toda a cerâmica decorada, tarefa que demandava enorme esforço e lhes parecia interminável naquele momento.

Em 1 de abril de 1949, Meggers escreveu que haviam descoberto conexões entre vários sítios, mas ainda não conseguiam conectá-los ao esquema estratigráfico deles. Tentou escrever uma lista de cores das peças encontradas nas planícies de Anjos e Mangueira, mas foi uma verdadeira luta concluí-la. Olhavam a cerâmica amazônica há tanto tempo que tudo lhes parecia igual. Em fevereiro, quando iniciaram a classificação, tudo parecia diferente. Buscavam diferenças, mas tendiam a concordar que não havia tanta variedade. Devia haver diferença, Meggers escreveu, mas as porcentagens que reuniram não produziram um quadro tão consistente e razoável de desenvolvimento, até então (Meggers 1948-1949, v. 3).

Evans elaborou um quadro no qual colocou todos os sítios em sequência. Mudaram a classificação muitas vezes e pararam de contar a Peter Hilbert sobre essas mudanças, com medo de que ele perdesse a confiança neles. A confusão já era o suficiente para abalar sua própria autoconfiança e decidiram esperar para seguir compartilhando essas impressões.

Terminaram a classificação das ilhas e começaram a do território, identificando os sítios mais homogêneos primeiro. Separaram a cerâmica das três planícies, que possuíam temperos diferentes. Havia muitas rochas, estavam reunindo uma grande coleção mineral também.

Em 22 de abril, encontraram Frederico Barata e Machado Coelho para pensarem juntos sobre os achados da pesquisa. Barata ficou impressionado e disse que esse era o tipo de trabalho que a Amazônia precisava. Quanto mais falavam com Barata mais o admiravam e respeitavam.

Os dias seguintes, passaram planejando o início da nova excursão em Marajó. Coleman, da embaixada americana, os acompanhou em um encontro com Lauro Lobato para pedir permissão para escavar em Camutins, que lhes foi concedida com cortesia. Partiram em 6 de maio e seguiram para o Oeste da ilha. Peter Hilbert e um guia chamado Alcindo os acompanharam nessa viagem. Enfrentaram o caminho todo alagado pelas chuvas, o que dificultou o trajeto, mas logo se deparariam com a parte mais emocionante de sua jornada.

Passaram por Monte Carmelo e lá, em um grande tesoro, encontraram fragmentos de potes, de tangas e alças de vasos. Seguiram a Camutins e chegaram à casa de Pedro Araújo, por quem foram recebidos. Assim que saíram do barco, começaram a pisar em fragmentos. Durante a coleta, não conseguiam decidir o que pegar, pois quanto mais andavam mais incrível a cerâmica se tornava: fragmentos grandes, pequenos, pintados, lisos, incisos, adornos, alças ornamentadas, estatuetas e tangas de todos os tipos. O anfitrião, Pedro, possuía alguns potes daqueles em sua cozinha, um que usava para guardar água e outros dois pequenos para cozinhar. No fundo de um grande vaso encontraram uma tanga vermelha inteira, que hoje está no acervo do Museu Goeldi (Fig. 3):



Fig. 3. Tanga vermelha, Monte Carmelo. Museu Paraense Emilio Goeldi.

Fonte: arquivo pessoal.

No dia seguinte, saíram cedo para pesquisar em outros tesos próximos ao rio. Mapearam os locais e encontraram fragmentos abundantes em três quartos deles. Havia locais de habitação, cemitérios e especularam que alguma coisa deveria explicar a alta porcentagem de fragmentos decorados naquele local.

Se hospedaram em uma casa próxima ao rio que possuía teto de palha e chão de terra. A mulher, dona da casa, cozinhou em um

fogareiro simples no chão da cozinha e seus utensílios variavam entre potes desenterrados do tesouro e objetos de alumínio. No cômodo onde o casal e Peter Hilbert dormiram mal cabiam as três redes e o local era muito quente pela proximidade com a mata. Quando se cobriam para se proteger dos mosquitos o calor se tornava insuportável. Tiveram noites difíceis.

Na localidade de Guajará, escavaram o topo de um tesouro e começaram a esbarrar em urnas por todos os lados. Meggers se referiu a duas delas no diário como “H” e “I”. A urna H foi descrita como uma peça linda, policroma, completa, exceto por uma alça quebrada. A urna I era incrível: com uma base enorme, muito grande para remover, e com ossos dentro. Tiveram que tirar toda a parede de terra do poço que cavaram para conseguir retirá-la. Encontraram mais tangas e esqueletos em boa condição, e se perguntavam se as igaçabas iriam alguma hora acabar.

Lavaram a urna H e puderam ver que era mesmo linda e possuía cores preservadas. Hilbert brincou que pagaria dois contos por ela, se pudesse, e eles disseram que a levariam ao Museu Goeldi e que isso deixaria Machado Coelho muito feliz (Fig. 4).



Fig. 4. Urna funerária antropomorfa, Coleção Meggers e Evans. Museu Paraense Emílio Goeldi.

Fonte: arquivo pessoal.

Quando voltaram a Belém uma multidão de admiradores juntou-se em torno deles e perguntavam sobre a grande urna: “Vocês a acharam? Havia ossos dentro? Que fortuna!”, diziam. A urna foi então transportada para o museu e eles retornaram para casa. Deram início à lavagem dos fragmentos e Evans se incumbiu de iniciar os processos de preservação dos ossos. Foi aí que descobriram que nem todos eram humanos e que animais eram também enterrados junto com as pessoas (Meggers 1948-1949, v. 4).

Frederico Barata foi quem pediu que tirassem uma foto com a grande urna para o jornal “Provincia”, alegando que foram os primeiros estrangeiros a não levarem tudo embora e por isso era importante divulgar a descoberta. A foto foi tirada junto com Machado Coelho e com sua secretária, Dona Izabel, e publicada no jornal. Aquela foto os fez famosos em Belém.

Apesar do alvoroço na cidade, o fato de terem levado a urna ao Museu Goeldi provocou um desentendimento com o proprietário da terra na qual a peça havia sido encontrada. O proprietário era Armando Teixeira, que foi até a casa do casal, no Museu Goeldi, acusá-los de terem roubado sua propriedade e, em seguida, foi fazer essa reclamação ao diretor do museu. Machado Coelho argumentou que entendia a visão dele, mas também entendia a dos pesquisadores. Disse-lhe que por ser um artefato de interesse da ciência, a urna deveria pertencer a um museu. No entanto, o argumento não apaziguou o ânimo de Teixeira, que foi embora, mas ainda retornaria para debater a questão.

Armando Teixeira retornou ao museu dois dias depois, dizendo que decidira doar a urna para o Museu Nacional, mas posteriormente chegou a um acordo com Machado Coelho. A urna ficaria no Museu Goeldi e o nome dele apareceria como o doador em grandes letras. Os nomes de Meggers e Evans apareceriam em letras bem pequenas como os descobridores do artefato. Segundo Meggers, ele se tornou mais razoável quando Machado lhe disse que o Patrimônio Histórico permitia que coisas com valor histórico fossem recolhidas, mas Teixeira

deixou Belém decidido a não permitir outras pesquisas em sua fazenda.

O fim da viagem se aproximava e o casal contou com a ajuda de Frederico Barata e Machado Coelho para conseguir exportar parte da coleção. Foi Jajá quem ficou responsável por começar a dividir os fragmentos que seriam enviados para o Museu Nacional e os que ficariam no Museu Goeldi. Para o Museu de Macapá, separaram sete sacos com fragmentos cerâmicos e quatro caixas pequenas, com fragmentos e potes. Não há no arquivo do CFE nenhum registro sobre a parte da coleção que foi exportada.

Em Belém, Machado Coelho acompanhou o delegado do CFE no Pará, Dr. Leão, na averiguação dos materiais coligidos pelo casal. Meggers anotou que o delegado deu sua aprovação com apenas um rápido olhar sobre o material. O casal também entregou a Machado Coelho um relatório sobre a grande urna e sobre as três tangas encontradas em seu interior. O diretor, por sua vez, disse estar muito satisfeito com o trabalho que realizaram.

Estiveram, ainda, em Belo Horizonte e em Confins para visitar cavernas com vestígios arqueológicos e pinturas rupestres. Retornaram ao Rio de Janeiro de avião e encontraram Heloisa Alberto Torres, que os recebeu novamente de braços abertos. Meggers a considerava uma mulher incrível, como deixou anotado em seu diário e, na conversa sobre a grande urna, Torres concordou que o artefato deveria ter ficado no Pará, acabando com o receio que o casal tivera de que ela pudesse se aborrecer com essa situação.

Retornaram então a Belém, por onde deixariam o país. Entregaram oficialmente parte da coleção que reuniram ao Museu Goeldi, além da grande urna já mencionada, e deixaram uma quantia em dinheiro com Machado Coelho para que encaminhasse a parte da coleção que cabia ao Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Heloisa Alberto Torres, Machado Coelho, Barata e Hilbert, todos manifestaram o desejo de que o casal retornasse algum dia para que pudessem fazer outros trabalhos juntos, escreveu Meggers nas páginas finais de seu último caderno de campo. Em 13 de julho de

1949, se dirigiram ao aeroporto para deixar o país. Chegaram aos Estados Unidos cansados após dois dias de viagem, entre paradas, trocas de avião e um trem. Era bom estar em casa, mas precisaram de um tempo para se acostumar com todos falando inglês novamente.

Rede de colaboradores

Como demonstram esses registros, a rede de colaboradores de Meggers foi enorme e diversa. Além do apoio fundamental de seu marido, Clifford Evans, contou com suporte de pesquisadores brasileiros, como Heloisa Alberto Torres, Peter Hilbert, Frederico Barata e Machado Coelho, entre outros nomes citados em sua narrativa, como o arqueólogo francês Marcel Homet.

Peter Hilbert, brevemente mencionado neste artigo, estabeleceu forte relação de amizade com o casal que se manteve ao longo de suas vidas. De origem alemã, veio para o Brasil após a Segunda Guerra e viveu na região amazônica por 40 anos. Soldado entre 1939 e 1947, possuía isso em comum com Clifford Evans, apesar de terem atuado em lados opostos na guerra. Conseguiu situação mais estável dentro do Museu Goeldi a partir de 1954, quando a instituição passou a ser sustentada por verbas federais através do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em convênio com o então recém-fundado CNPq (Hilbert 2009). O receio que Meggers relatou de que Hilbert considerasse a pesquisa deles confusa, quando ainda tentavam entender os dados de campo, demonstra o respeito que ela possuía por ele e por suas opiniões.

Foram muitos os guias, mateiros, remadores, moradoras e moradores daquela região que permitiram que Meggers e Evans acessassem os sítios de escavação, conhecessem e viajassem pelo território, haja vista a quantidade de nomes mencionados no relato. Dentre estes, Benjamim Pinto e Souza, a quem chamavam de Jajá, se destaca na narrativa de Meggers. Ele participou de processos fundamentais da pesquisa, como as coletas de campo em Caviana, a organização, limpeza e numeração dos fragmentos cerâmicos

e a distribuição das coleções entre os museus envolvidos. Já também estabeleceu relação afetiva e de confiança com o casal que o levou para trabalhar em Belém. Além de os ajudar a viabilizar a pesquisa, Souza era presença frequente na casa em que moraram no Museu Goeldi e lhes ensinou muito sobre a cultura popular da Amazônia. Foi um dos poucos mateiros que teve seu sobrenome indicado no diário, uma marca evidente da distinção de classes.

Foram abrigados por moradores locais inúmeras vezes, em casas, casebres e fazendas, como na residência de Pedro Araújo e sua esposa, na Ilha do Marajó, local pelo qual iniciaram uma das incursões mais promissoras da expedição. Tiveram ajuda de Ramiro em Mexiana, Guamá em Caviana, Alcindo na viagem que fizeram acompanhados também por Peter Hilbert em Marajó, entre muitos outros.

Das pessoas que conheceram em Belém, também receberam muita ajuda. Desde mapas da região, como os fornecidos por Inocêncio Bentes, que os ajudou na Ilha de Marajó, até a intermediação em conflitos que emergiram em meio às pesquisas, como fez o Capitão Janay em Macapá quando foram questionados por Newton Cardoso sobre as peças que estavam levando para fora do Estado. Coleman, representante da embaixada americana em Belém, se transformou em um amigo que os recebia e acolhia nas horas de descanso, algo também fundamental em trabalhos de campo realizados por tempo tão prolongado, como bem sabem todos que já passaram por situação semelhante.

Tiveram apoio dos prefeitos de Chaves e de Belém à época, Dionísio de Carvalho e Rodolfo Chermont, respectivamente, e de outros proprietários de fazendas da região, como Edgar de Guamá, Claudio Diaz, Noé Xavier de Andrade, Lauro Lobato e Armando Teixeira, com quem se desentenderam por causa da retirada da famosa grande urna, uma das peças mais emblemáticas do Museu Goeldi até os dias de hoje. Funcionários públicos diversos também cruzaram o caminho do casal e contribuíram com o desenrolar da pesquisa, com destaque para Eurico Fernandes, do Serviço de Proteção aos Índios, por quem Meggers demonstrou profundo respeito, além de outros

como Felisberto de Camargo, do Instituto Agronômico do Norte.

Mulheres apareceram mais à margem dos trabalhos da pesquisa arqueológica, mas Meggers deixou indícios da presença delas em diversos momentos, quando menciona, por exemplo, que conheceram a exposição do Museu Nacional do Rio de Janeiro acompanhados por uma senhora chamada Dona Maria, quando Magdalena, funcionária da casa de Dionísio de Carvalho, lhes forneceu informações sobre o aeroporto de Chaves e os acompanhou na escavação, ou quando Walkiria e Rosinha, mulheres de uma das casas onde o casal se hospedou em Caviana, a acolheram em uma tarde de conversas.¹² Houve também a contribuição de Cecília Wagley, que os ajudou a se estabelecerem tanto no Rio quanto em Belém.

Todos esses nomes fizeram parte dos processos de trabalho, das descobertas e dos equívocos que caracterizaram a expedição do casal, levando à consolidação de uma importante rede de informações, apoio e negociações, à sobrevivência no campo e à construção de teorias permeadas por essa experiência. Os colaboradores locais foram fundamentais para a pesquisa e pode-se supor que a observação das práticas diárias desses habitantes, particularmente dos diferentes auxiliares de pesquisa, forneceu influência importante para moldar o pensamento da pesquisadora.

“First Lady of Amazonia”

A importância do trabalho de Betty Meggers foi marcante, mesmo considerando que muitas de suas proposições teóricas tenham sido ultrapassadas por concepções recentes. Essas novas perspectivas teóricas e metodológicas dedicaram-se em grande parte a diminuir uma visão considerada depreciativa em relação ao desenvolvimento de populações no território amazônico, identificada nos trabalhos do casal. Não obstante, a presença de Betty Meggers

12 No decorrer da viagem, Meggers se comunicava com seus interlocutores em português e anotou muitas palavras em língua portuguesa em seus diários.

e Clifford Evans no Museu Goeldi entre 1948 e 1949 é associada a um período de ressurgimento de pesquisas na instituição e que deu início a um longo projeto de produção de conhecimento, gerando desdobramentos até os dias de hoje.

Importante dizer que a tradição da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi remonta ao século XIX e à trajetória profissional de seu fundador, Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888), que já naquele período reuniu e estudou coleções arqueológicas da Ilha de Marajó. Esse é o período em que as práticas arqueológicas tiveram início e expandiram-se de maneira significativa no país, tornando-se inclusive uma disciplina central nas discussões sobre a formação social da nação, ocupando espaços tanto no Museu Goeldi (Sanjad 2011) quanto no Museu Nacional do Rio de Janeiro (Lopes 1998), acompanhando também o movimento internacional de expansão da arqueologia, geralmente associado ao colonialismo.

As pesquisas de campo realizadas por Meggers e Evans em 1948 e 1949 marcaram um momento de retomada e profissionalização das atividades arqueológicas no Museu Goeldi e foram continuadas ao longo do século XX. As articulações profissionais construídas no país deram origem a dois grandes projetos da arqueologia brasileira: o PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, desenvolvido entre 1965 e 1970 no Território Brasileiro; e PRONAPABA – Programa de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica, voltado exclusivamente para a Amazônia Legal Brasileira, coordenado pelo arqueólogo brasileiro Mário Simões (INPA-Museu Goeldi), em conjunto com Betty Meggers e Clifford Evans, representando o Instituto Smithsonian. Um dos objetivos do PRONAPABA era testar a validade das classificações anteriores estabelecidas por Meggers e Evans e esclarecer a distribuição geográfica dos vários estilos e tradições. Esses esforços, ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, em refinar o trabalho de Meggers e proceder à seriação e classificação dos complexos cerâmicos locais em Fases e Tradições gerou uma enorme

quantidade de dados. O Museu Emílio Goeldi teve papel fundamental na organização deste conhecimento, preservando as coleções cerâmicas de cada projeto, incluindo as coleções-tipo de cada fase e tradição então curadas pelos pesquisadores envolvidos (Barreto, Lima & Betancourt 2016b: 22).

O livro publicado pelo casal sobre as pesquisas realizadas entre 1948 e 1949 na região do Baixo Amazonas – *Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon* (1957) – foi dedicado à descrição e classificação de seus achados arqueológicos, à proposição de um desenho da sucessão cultural na área e teorizações sobre o efeito do ambiente da floresta tropical nessa sucessão, que foi enquadrada na pré-história da América do Sul como um todo dando continuidade ao trabalho de Julian Steward (1948). Consideraram a cerâmica mais simples que encontraram como parte da chamada “Cultura da Floresta Tropical” e a Fase Marajoara, caracterizada por vestígios mais decorados e elaborados, como proveniente da Região do Circum-Caribe (Meggers & Evans 1957). Em 1952, eles retornaram à Amazônia para escavar na Guiana Inglesa, uma espécie de expansão da pesquisa anterior realizada no Amapá.

Os diários de campo de Betty Meggers aqui abordados (1948-1949), registro ainda pouco conhecido, são capazes de demonstrar o respeito e a admiração que ela possuía por seus colaboradores brasileiros, explicitados em diversos momentos em suas anotações de campo. Nesses documentos, estão registradas histórias paralelas à procura pelas cerâmicas arqueológicas, capazes de nos ajudar a compreender a dispersão das coleções formadas por Meggers e Evans entre museus diversos, em particular as que foram para o Museu Goeldi, Museu Nacional e Museu do Território do Amapá, e como foi capaz de articular tamanha pesquisa, sempre em companhia de Clifford Evans, mas também em contato constante com inúmeros brasileiros com os quais se relacionou e de quem dependia para concretizar seus objetivos de pesquisa.

Naquela época, não se fazia arqueologia colaborativa, mas os registros mantidos por

Meggers revelam a intensa proximidade dos habitantes locais com o material arqueológico, materialidade que aparece na narrativa em níveis de funcionalidade (por exemplo, no caso de Pedro Araújo, que utilizava potes de cerâmica retirados da terra para armazenar água e cozinhar), cotidiano (vestígios que emergiam em meio a construções, como a do aeroporto de Chavez, em Marajó, ruas principais permeadas por artefatos, como descreve na cidade de Porto Grande, Amapá) e afeto (nos inúmeros casos de locais que mantinham objetos desenterrados em suas casas).

Na arqueologia amazônica, a cerâmica é a base do trabalho das arqueólogas e arqueólogos. A partir dela, esses profissionais mapeiam áreas de ocupação e atividade, funcionalidades, sistemas tecnológicos, interligações e redes entre diferentes locais, mudanças estilísticas etc. As pesquisas de Meggers e Evans, baseadas principalmente nesse tipo de análise, levaram à criação de tipologias e classificações para a cerâmica, como os conceitos de Horizontes, Tradição e Fases, definidos nos anos 1950 e 1960, e usados para nortear pesquisas até hoje (Barreto, Lima & Betancourt 2016b: 22).

Atualmente, esse quadro classificatório vem sendo atualizado, integrando novos conceitos e métodos. Embora as classificações das cerâmicas em fases e tradições e todo esse repertório terminológico ainda constituam a mais importante referência para a maioria dos arqueólogos que trabalham na Amazônia brasileira, muitos perceberam que são necessárias mudanças nos métodos de classificação e interpretação da cerâmica amazônica e no desenho de um modelo geral mais dinâmico para a cronologia cultural da região.

Quanto mais as pesquisas avançam, maior é a diversidade de estilos cerâmicos evidenciados – diversidade tão grande e comparável apenas à diversidade linguística da região. A cerâmica continua sendo uma fonte privilegiada de informação, desde que vista em contexto, e a comparação entre complexos cerâmicos, cada vez maior, tem sido capaz de elucidar diferentes modos de interação social e de formação de redes entre povos e territórios (Barreto, Lima & Betancourt 2016b; Schaan 2006; Neves

1999-2000). Nesse sentido, a contribuição de Meggers permanece um marco importante para a história da arqueologia amazônica.

O reconhecimento de que as interpretações dos habitantes locais sobre a materialidade arqueológica da Amazônia é também parte integrante dessa materialidade (Cabral, Pereira & Bezerra 2018) tem cada vez mais influenciado o desenvolvimento de pesquisas colaborativas, considerando em grande medida a relação entre dados arqueológicos e populações indígenas que seguem habitando a região. Essa perspectiva evidencia os diversos atores que circundam no entorno desses vestígios arqueológicos e indica caminhos mais participativos na gestão desse patrimônio e das coleções, respeitando demandas das comunidades da região.

Por fim, retomando brevemente a questão sobre a participação de mulheres na arqueologia da Amazônia, as impressões registradas por Betty Meggers em seus diários demonstram que parte das reações a sua presença em campo caracterizavam-se por surpresa e estranhamento, como a experiência que viveu em Chavez quando um grupo de homens que acompanhava o casal não acreditava que ela participaria da escavação. Anotou também impressões mais gerais sobre assimetrias de gênero, como, quando na casa de Neco, em Chavez, observou que as mulheres faziam suas refeições separadas dos homens da casa e que, por ser uma convidada estrangeira, na maioria das vezes ela era a única mulher na mesa.

No campo profissional, sua experiência abriu caminho e influenciou a carreira de inúmeras outras arqueólogas da Amazônia. Além dos nomes mais conhecidos, como as já citadas Anna Roosevelt e Denise Schaan, desde as pesquisas pioneiras de Betty Meggers o campo da arqueologia amazônica conta com uma ampla presença de mulheres e é celebrado por isso. Não obstante, identificam-se ainda problemas de iniquidade. Em estudo realizado por Caromano *et al.* (2017) a partir da análise de um conjunto de indicadores cientométricos sobre a área, concluiu-se que, embora as mulheres estejam em maior número nesse campo e produzam mais atualmente, trabalhos escritos por homens são ainda mais citados,

bem como recebem maior destaque em eventos da área. Como em muitos outros campos científicos, essas iniquidades estão diretamente relacionadas a contextos sociais maiores, como

as discrepâncias na forma em que se dividem tarefas do ambiente doméstico e profissional, estereótipos sociais e inflexibilidade das instituições científicas.

SOMBRIO, M.M.O. Travels Through an Illusory Paradise: Notes on Betty Meggers's Expedition to the Lower Amazon Region and her Collaboration Network (1948-1949). *R. Museu Arq. Etn.*, 39: 206-226, 2022.

Abstract: In 1948, Betty Jane Meggers (1921-2012) came to Brazil for the first time to carry out archaeological research in the Lower Amazon region, which she carried out accompanied by her husband, Clifford Evans, also an archaeologist. Born at the beginning of the 20th century, Betty Meggers is part of a growing process in that period, which meant a greater women's insertion in scientific institutions and careers. The objects collected during this research were later divided between the Museum Emílio Goeldi, in Pará, the National Museum of Rio de Janeiro and the Museum of Amapá's Territory, national institutions which assisted them in their research in Brazil, and part was taken to the Smithsonian Institution in the United States. In this article, this trip is described based on Betty Meggers field diaries, which allowed to map the diverse collaboration network that supported her in Brazil, in addition to revealing the subjective and personal aspects involved in her field work. The detailed descriptions written by Meggers in her notebooks include daily notes on the periods she spent in Rio de Janeiro and Belém, the incursions to the Islands of Marajó, Caviana and Mexiana, and to the territory of Amapá. They also include many names of Brazilians present in her narrative, revealing a large structure of collective work around the couple of researchers that allowed the production of that knowledge.

Keywords: Betty Meggers; Collaboration networks; Women scientists; Field journals; History of Amazonian archaeology.

Referências bibliográficas

- Barreto, C.; Lima, H.P.; Betancourt, C.J. 2016a. Introdução. In: Barreto, C.; Lima, H.P.; Betancourt, C.J. (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Iphan; Ministério da Cultura, Belém, 12-16.
- Barreto, C.; Lima, H.; Betancourt, C.J. 2016b. Novos olhares sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. In: Barreto, C.; Lima, H.; Betancourt, C. (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Iphan, Belém, 19-31.
- Barreto, M.V. 1992. História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia* 8: 203-294.
- Bezerra, M. 2011. "As moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 6: 57-70. Disponível em: <<https://bit.ly/3U4cyVY>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.1590/S1981-81222011000100005.

- Cabral, M.; Pereira, D.; Bezerra, M. 2018. Patrimônio Arqueológico da Amazônia: a pesquisa, a gestão e as pessoas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 38: 247-269.
- Caromano, C. *et al.* 2017. Nem todas são Betty ou Anna: o lugar das arqueólogas no discurso da arqueologia amazônica. *Revista de Arqueologia* 30: 115-129. Disponível em: <<https://bit.ly/3V3UVa6>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.24885/sab.v20i2.547.
- Castañeda, Q.E. 2008. The “Ethnographic Turn” in Archaeology: Research Positioning and Reflexivity in Ethnographic Archaeologies. In: Castañeda, Q.E.; Matthews, C.N. (Eds.). *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. Altamira Press, Lanham, 25-61.
- Corrêa, M. 1997. Dona Heloisa e a pesquisa de campo. *Revista de Antropologia* 40: 11-54. Disponível em: <<https://bit.ly/3gy4jnA>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI: 10.1590/S0034-77011997000100002.
- Corrêa, M. 2003. *Antropólogas e antropologia*. Editora UFMG, Belo Horizonte.
- Grupioni, L.D.B. 1998. *Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil*. Hucitec, São Paulo.
- Hilbert, K. 2009. Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 4: 135-154. Disponível em: <<https://bit.ly/3ETz2Vr>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.1590/S1981-81222009000100012.
- Instituto Socioambiental. 2011. *Povos indígenas no Brasil 2006/2010*. Instituto Socioambiental, São Paulo.
- Kury, L. 2001. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *Hist., Cien., Saúde – Manguinhos*, vol. 8: 863-880. Disponível em: <<https://bit.ly/3AFA3xL>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.1590/S0104-59702001000500004.
- Lima, H.P.; Moraes, B. 2013. Arqueologia e comunidades tradicionais na Amazônia. *Ciência e Cultura* 65: 39-41. Disponível em: <<https://bit.ly/3AHUOJj>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.21800/S0009-67252013000200015.
- Lopes, M.M. 1998. *O Brasil descobre a pesquisa científica: as ciências naturais e os museus no século XIX*. Hucitec, São Paulo.
- Lowie, R.H. 1948. The Tropical Forests: An Introduction. In: J. Steward (Ed.). *The Tropical Forest Tribes*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Washington, 1-56. (Handbook of South American Indians, v. 3).
- Meggers, B.J. 1987. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Itatiaia; Edusp, Belo Horizonte; São Paulo.
- Meggers, B.J.; Evans, C. 1957. *Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon*. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 167, Washington.
- Meggers, B.J. 1952. *The Archeological Sequence on Marajó Island, Brazil, with Special Reference to the Marajoara Culture*. Tese de doutorado. Columbia University, New York.
- Neves, E.G. 1999-2000. O velho e o novo na arqueologia amazônica. *Revista USP* 44: 86-111. Disponível em: <<https://bit.ly/3AGjBxh>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.11606/issn.2316-9036.v0i44p86-111.
- Neves, Eduardo G. 2016. Não existe neolítico ao Sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura. In: Barreto, C.; Lima, H.; Betancourt, C. (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Iphan, Belém, 32-39.
- Pina-Cabral, J. 2005. The future of social anthropology. *Social Anthropology* 13: 119-128.
- Popson, C.P. 2003. First Lady of Amazonia. *Archaeology: A publication of the Archaeological Institute of America* 56: 26. Disponível em: <<https://bit.ly/3EZxrxq>>. Acesso em: 23/11/2022.

- Ribeiro, A.M.M. 2000. *Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcelos: entrelaçamento de círculos e formação das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Ribeiro, B.; Van Velthem, L. 1992. Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: Cunha, M.C. (Org.). *História dos Índios no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 103-112.
- Sanjad, N. 2011. “Ciência dos potes quebrados”: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista* 19: 133-163. Disponível em: <<https://bit.ly/3GHR5US>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.1590/S0101-47142011000100005.
- Schaan, D. 2006. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. *Revista Arqueologia Pública* 1: 31-48. Disponível em: <<https://bit.ly/3V14VeR>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.20396/rap.v1i1.8635819.
- Schaan, D. 2014. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário antropológico* 39: 13-46. Disponível em: <<https://bit.ly/3V7ZdNR>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.4000/aa.1243.
- Silva, F.A. 2009. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Bol. Mus. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 4: 27-37. Disponível em: <<https://bit.ly/3V13gpF>>. Acesso em: 23/11/2022. DOI 10.1590/S1981-81222009000100004.
- Sombrio, M. 2014. *Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Sombrio, M.; Vasconcellos, C.M. 2018. O legado de Betty Meggers na constituição de acervos museológicos no Brasil. *Anais do Museu Histórico Nacional* 50: 69-84. Disponível em: <<https://bit.ly/3Xno6qx>>. Acesso em: 23/11/2022.
- Steward, J.H. 1948. *The Tropical Forest Tribes*. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology. Bulletin 143, Washington. (Handbook of South American Indians, v. 3).
- Tassinari, A. 2003. *No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. Edusp, São Paulo.

Fontes documentais

- Meggers, B.J. 1948-1949. *Journal of Lower Amazon Expedition (1948-1949)*. National Anthropological Archives (NAA) – Instituto Smithsonian, Washington. 4 v.